

# Constituintes ainda não sabem como deverão agir no plenário

BRASÍLIA — A menos que o deputado Ulysses Guimarães fixe hoje as normas para a votação do projeto de Constituição, que começa amanhã, a confusão será geral, pois nem o secretário da Constituinte, Mozart Vianna de Paiva, tem respostas para as dúvidas dos parlamentares. O deputado Cunha Bueno (PDS-SP), por exemplo, perguntou se deveria pedir destaque para uma emenda que substitui a república pela monarquia e que recebeu parecer favorável de Bernardo Cabral. O secretário da Constituinte não sabia.

"A primeira emenda que obtiver maioria dos votos prejudica as que lhe forem conexas?", indagava o líder do PDS, deputado Amaral Neto. Mas a maior preocupação era com uma decisão tomada por Ulysses: as sessões da Constituinte serão abertas com um pinga-fogo (pequenos discursos), que reservará meia hora para os parlamentares e outra meia

hora para os líderes. "Para que isso? Será que o dr Ulysses enlouqueceu?", questionava Amaral.

"É esse o nosso problema. O PT é muito mais organizado que a gente", reconheceu o líder do PDS, quando o vice-líder do PT, deputado José Genoino, contou-lhe que os partidos de esquerda tinham feito "um cruzamento a pente fino" de todos os artigos do projeto de Bernardo Cabral e do substitutivo do *Centrão*. Acrescentou que a maioria dos pedidos de destaque (votação em separado) apresentados por seu partido destinava-se a suprimir as modificações propostas pelo *Centrão*.

**Preâmbulo** — Como o deputado Ulysses Guimarães decidiu que as sessões terão início às 14h, com a concessão de uma hora para o pequeno expediente, só a partir das 15h, se os parlamentares não se estenderem em questões de ordem, terá início a discussão e votação. O

término das sessões está previsto para 20h.

A guerra do plenário começará pelo preâmbulo da Constituição. Mesmo que o texto do *Centrão* obtenha 280 votos favoráveis, terão de ser votados todos os pedidos de destaques supressivos, modificativos e substitutivos relacionados com o preâmbulo. O *Centrão* entende que se nenhum desses destaques conseguir 280 votos, prevalecerá o preâmbulo que já tiver sido votado. Mas as esquerdas sustentam que deve entrar em votação o do projeto aprovado na Comissão de Sistematização.

Se houver rejeição de um capítulo inteiro, a sessão será suspensa pelo prazo de 48 horas e caberá ao relator elaborar um texto de consenso. Com todas essas exigências e a disposição do PT para obstruir a votação com requerimentos à Mesa, a previsão é de que a Constituição não ficará pronta antes de julho.

Arquivo — 25/1/84



Geral do Maracanã? Não, é o povo na Sé há quatro anos, gritando pelas diretas

## Palanque de 84 vira frustração em 88

*O que fazem os que queriam e os que não queriam eleição*

**J**amais se viu algo semelhante nos últimos 30 anos. Centenas de milhares de pessoas — de 100 mil a 400 mil, segundo as estimativas da época — encheram a Praça da Sé de arrepiante entusiasmo cívico, cantando, repetindo refrões e xingando o regime militar, com a convicção de que estavam abrindo caminho para um novo país. Naquela 25 de janeiro de 1984, se iniciava a maior campanha de rua da história do Brasil, a das diretas-já, que acabou dando na indireta de Tancredo, na fatalidade de Sarney e no desencanto de hoje.

"Estamos chacoalhando o Brasil", gritava para a multidão o "locutor das diretas", Osmar Santos, depois de puxar o coro "Um, dois, três, quatro, cinco, mil, queremos eleger o presidente do Brasil".

Arquivo — 25/1/84



A multidão na Praça da Sé

### Brizola não mudou

O ex-governador Leonel Brizola foi um dos políticos mais aplaudidos na Sé. O PT, quando ele iniciou seu discurso, improvisou uma vaia, com gritos de "Lula, Lula". Brizola contornou a situação e afirmou que era "justa a manifestação em homenagem a Lula". Naquele dia, até Ulysses recebeu elogio: "Saúdo essa figura encanecida nas lutas democráticas."

Brizola, no momento em Madri, para contatos com o primeiro ministro Felipe Gonzalez, continua hoje onde sempre esteve: nos palanques, não tão ricos de público como outrora, pedindo diretas já. Fez de Lula, com quem já esteve rompido, há um ano e meio, um novo aliado. Mas vê Ulysses e o PMDB como grandes adversários de sua luta.

— Foi uma emoção muito forte — recorda Osmar — porque vinha uma grande energia do povo todo. No meu íntimo comecei a alimentar a esperança de que a gente ia realmente mudar a cara deste país.

Agora, exatos quatro anos depois do comício da Sé, Osmar Santos admite que estava errado.

— O Brasil mudou, mas não foram as mudanças profundas que a gente queria. E nós queríamos apenas coisas possíveis...

Pior do que a frustração da mudança é descobrir que muitos dos que estavam lá, no palanque, estão agora no governo e não querem fazer tão cedo eleição direta para presidente. "Poxa, não sentem a pressão?", pergunta Osmar. Ele conta uma história que lhe fez doer o coração:

— Entrevistei há poucos dias o Maluf (Paulo Maluf, na época o senhor indiretas, candidato do PDS no colégio eleitoral) no meu programa de TV e fiquei ouvindo ele pedir diretas já, mudanças, falar de corrupção, do escândalo na Corretora Banespa (rombo

de CZ\$ 400 milhões no início do governo Quercia). Nem lhe disse nada mas me lembrei: no palanque das diretas, todos os que estão hoje no governo também pediam diretas, mudanças, falavam da corrupção, quer dizer, tinham o mesmo discurso de hoje do Maluf que então combati. Ai, fiquei me perguntando: será que no Brasil só se faz política assim? Será sempre assim: quando se está na oposição tem-se um discurso e quando se vai para o governo esquece-se disso e faz-se exatamente o que o antecessor estava fazendo?

Hoje, às 17h, diante do Conjunto Nacional, em Brasília, e da descrença nacional haverá mais uma tentativa de se levar o povo para um comício da eleição direta que foi negada em 1984.



Osmar Santos

### Ulysses guarda camisa

A camisa social amarela, com a inscrição "Eu quero votar para presidente" bordada no peito, que o deputado Ulysses Guimarães ostentava quando chegou ao palanque da Sé, está escondida no armário. É uma incômoda lembrança, como o arroubo que teve no comício, ao chamar o Colégio Eleitoral de "porão infecto onde a ditadura aprisionou 60 milhões de títulos de eleitores."

O Colégio Eleitoral acabou e o eleitorado cresceu para 65 milhões, mas os títulos continuam aprisionados porque, entre outros motivos, Ulysses teme levar seu PMDB dividido às diretas-já. Obrigado a tratar com o *Centrão*, que abocanhou metade de seu partido na Constituinte, Ulysses tenta adiar a eleição para 1990.

### Dante só deu o mote

O inexpressivo deputado Dante de Oliveira (PMDB-MT) acabou virando figura nacional com a iniciativa da oposição de transformar uma sua desprezível emenda pedindo diretas em 1984, na grande bandeira da campanha que visava a implosão do Colégio Eleitoral das indiretas. Foi, na campanha, uma espécie de tigre de papel.

Eleito para a Prefeitura de Cuiabá, em 1985, Dante chegou a se licenciar do cargo para exercer o cargo de ministro da Reforma Agrária. Quando Sarney foi para a televisão reivindicar mandato de cinco anos, ele sentiu que era hora de sair. Voltou para a Prefeitura e virou um pedinte de verbas federais.

### Sarney continua o mesmo

Quando a voz das ruas levantava-se em São Paulo pelas eleições diretas, Sarney era, como hoje, presidente — mas do PDS. Ele estava em Brasília, articulando o partido do governo militar para impedir que a vontade popular fosse acatada pelo Congresso. Em abril de 1984, Sarney mandou que parte de sua bancada ficasse em casa, e assim conseguiu derrotar a emenda Dante de Oliveira por falta de quorum. Agora, como presidente da República, Sarney luta outra vez contra as diretas. Acredita que conseguirá os sonhados cinco anos de poder com outro expediente parlamentar: a antecipação da votação de seu mandato pela Constituinte.

### Figueiredo agora quer

Há quatro anos, quando as forças de oposição ao seu governo, iniciavam a lenta tomada da Praça da Sé para aquela que seria a maior manifestação popular em favor das diretas já, o presidente João Figueiredo desembarcava em Uberlândia, Minas Gerais, para inaugurar uma usina de álcool de madeira junto com o governador Tancredo Neves.

Tancredo, que não foi ao comício, conversou animadamente com Figueiredo sobre a sucessão presidencial, que acabaria por disputar e ganhar. Hoje, o ex-presidente forma ao lado dos opositoristas que pedem as diretas já e não esconde, em manifestos e entrevistas, que foi picado pela mosca azul da sucessão de Sarney.